

O ESTUDO DE CASO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DE PESQUISAS CIENTÍFICAS EM ADMINISTRAÇÃO: UM ROTEIRO PARA O ESTUDO METODOLÓGICO

Igor Senger¹
Elcemir Paço-Cunha²
Carine Maria Senger³

RESUMO

Na realização de qualquer pesquisa científica a escolha metodológica constitui-se num elemento fundamental para a condução do estudo. Dessa forma, o presente ensaio apresenta o estudo de caso como uma estratégia de pesquisa plenamente utilizável em estudos organizacionais. Através de conceitos, tipologias, formas de coletas de dados e da aplicabilidade e limitações desta estratégia, esclarece-se algumas discussões teóricas em seu torno. Objetiva-se, dessa forma, ressaltar a importância da utilização do estudo de caso nas pesquisas na área de administração por meio de uma análise das publicações realizadas no ENANPAD no período de 1998 até 2002, e nas dissertações do programa de pós-graduação em administração do Departamento de Administração e Economia da Universidade Federal de Lavras (DAE/UFLA) entre 1977 e 2002. Assim, pôde-se verificar que, apesar das limitações metodológicas da investigação, o estudo de caso é plenamente utilizado nas pesquisas organizacionais.

Palavras-chave: Metodologia Científica, Estudo de Caso, Pesquisas em Administração.

ABSTRACT

The methodology to be used is of fundamental importance to carry studies in any scientific research. Being so, this work present the case study as research strategy to be used in organization. Trough concepts, typologies, ways of gathering data, and focusing the possibilities to put the strategy into practice as well as its limitations, some theoretical discussions are presented. This study aims at emphasizing the importance of using case study for researches in management areas. For that it was analyzed publications of ENANPAD, from 1998 to 2002, and studies performed at Pos Graduation Program in Management, from Departamento de Administração e Economia da Universidade Federal de Lavras (DAE/UFLA), between 1977 and 2002. Trough the methodological limitations of this

¹ Mestrando em Administração/Universidade Federal de Lavras – UFLA/MG, isenger@ufla.br

² Mestre em Administração/Universidade Federal de Lavras – UFLA/MG, epcadm@hotmail.com

³ Mestranda em Desenvolvimento, Gestão e Cidadania/Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ/RS, carinesenger@terra.com.br

investigation, it was possible to verify that case study is quite used in organizational researches.

Key words: Scientific Methodology, case Study, Researches management.

1 INTRODUÇÃO

Embora não haja uma tradição qualitativa fortemente consolidada nos estudos organizacionais, a partir da década de 1970 percebe-se que houve um crescente interesse por este tipo de abordagem. Existem várias técnicas para a realização de pesquisas científicas. Dentre elas o estudo de caso se apresenta como uma importante estratégia de verificação em pesquisas sociais. (YIN, 2001; LAVILLE e DIONNE, 1999).

Existe uma discussão em torno de sua aplicabilidade e limitações de utilização do método (YIN, 2001; FARINA, 1997). Se por um lado, situam-se autores que vêem nesta estratégia de verificação problemas no que tangem a generalização, subjetividade de mensuração e confiabilidade, por outro, enquadram-se os que identificam no método a possibilidade de realização de estudos mais aprofundados, permitindo análises de situações específicas e complexas. Em geral, o estudo de caso é preferível quando o fenômeno em estudo não pode ser separado do seu contexto natural e apresenta obstáculos de quantificação. Em adição, problemas ligados à pesquisa social não permitem ao pesquisador controlar o comportamento dos fenômenos de forma direta, precisa e sistemática.

Apesar das críticas positivistas, o estudo de caso consiste em um método válido de pesquisa em ciências sociais, principalmente em estudos organizacionais. Roesch (1996); Farina (1997); Silva (2002) demonstram a abrangência de sua utilização tanto na elaboração de projetos, artigos científicos, dissertações e teses para conclusão de curso.

Nesse sentido, o presente trabalho pretende apresentar uma conceituação, as características e relações com outras estratégias de pesquisa, o debate acerca da utilização e aplicação do estudo de caso em áreas funcionais da administração de empresas. Ao final, demonstrar-se-á a presença deste método nas publicações do Encontro Nacional de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD) e nas dissertações do programa de pós-graduação em administração do Departamento de Administração e Economia da Universidade Federal de Lavras (DAE/UFLA).

2 O ESTUDO DE CASO

Freqüentemente ouve-se falar a respeito de estudantes, professores ou cientistas que estão desenvolvendo um "estudo de caso". Entretanto, qual sua definição e quais os seus aspectos mais relevantes?

De acordo com Becker (1999), o termo estudo de caso foi usado inicialmente pela tradição dos estudos médicos e psicológicos, onde o termo se refere a uma análise detalhada de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma dada doença.

Nas ciências sociais, o estudo de caso passou a ser considerado como uma forma de estudar e analisar intensamente, de forma exploratória, explanatória ou descritiva alguma unidade social, a qual pode ser identificada por meio de uma organização, um indivíduo isolado ou em conjunto, uma comunidade, um programa ou um projeto de desenvolvimento e até mesmo um balanço contábil de uma determinada empresa num certo período de tempo,

cabendo ao pesquisador fazer referência a um acontecimento especial, uma mudança política, algum tipo de conflito, enfim, um fenômeno recente que mereça especial atenção. Neste sentido, Stake citado por Alencar (2000) defende que estudo de caso não é em si uma escolha metodológica, mas a escolha de um objeto a ser estudado.

Por outro lado, Yin (2001, p.32) destaca que:

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. A investigação de um estudo de caso baseia-se em várias fontes de evidências e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

Salienta-se, também, que um estudo de caso pode envolver duas ou mais unidades de análise, ou seja, dois ou mais sujeitos ou instituições; denomina-se assim casos múltiplos ou estudo multicaso. Isto pode ocorrer quando o pesquisador pretende descrever mais de um agente, organização ou evento, bem como em situações onde o objetivo primordial persiste em realizar comparações.

Cabe evidenciar que, para Triviños (1987), entre os tipos de pesquisas qualitativas, talvez o estudo de caso seja um dos mais relevantes, pois se caracteriza fundamentalmente, do ponto de vista da medida dos dados que ele apresenta, pelo emprego, de modo geral, de uma estatística simples, elementar. O autor salienta, também, que o estudo de caso apresenta duas características básicas, sendo elas a natureza e abrangência da unidade a ser pesquisada, bem como a complexidade do caso em estudo determinado pelos suportes teóricos que servem de orientação aos estudos do pesquisador.

O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões "como" e "por que" certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto da vida real. (GODDOY, 1995, p.25)

Para a realização deste tipo de estudo, geralmente o pesquisador usufrui uma variedade de dados e informações, as quais podem ser coletadas em diferentes momentos no decorrer do trabalho e por meio de várias fontes informantes. Para a realização deste processo os estudiosos podem empregar técnicas apropriadas para a coleta de dados, sendo que na maioria das vezes utiliza-se a observação e a entrevista.

Em virtude da complexidade que o estudo pode atingir, é de fundamental importância que o pesquisador defina claramente e focalize seu interesse nos pontos a serem estudados, perfazendo, assim, uma maneira de evitar que informações irrelevantes venham a atrapalhar suas interpretações e conseqüentemente suas conclusões e resultados.

Por sua vez, a escolha e identificação da unidade de análise estão associadas ao problema ou questão de pesquisa definida pelo pesquisador, salientando-se que precipitações neste processo também apresentam grande possibilidade de comprometer a pesquisa, pois, pelo fato do objeto de estudo consistir em um dos elementos essenciais, se a escolha deste for mal sucedida, dificulta-se a reflexão e validação das respostas.

Apesar do caráter qualitativo que envolve este método ou estratégia de pesquisa - como prefere Goddoy (1995), destaca-se a possibilidade de utilização de dados quantitativos para sua realização. Porém, essa utilização se dá em menor escala e com técnicas estatísticas menos sofisticadas, o que implica numa lacuna salientada pelos críticos, que apesar de

enfatarem certas desvantagens e limitações deste método, não fazem por desmerecê-lo, pelo contrário, os pontos positivos o tornam ainda mais relevante.

Para Farina (1997), o estudo de caso enquadra-se no grupo de métodos qualitativos, pois se caracteriza por um maior foco na compreensão dos fatos do que na sua mensuração, contrastando-se com os métodos quantitativos, os quais se preocupam mais intensamente em mensurar fenômenos, e são aplicados normalmente a amostras mais extensas. Por esta razão, mesmo com a possibilidade do estudo de caso utilizar vários métodos de pesquisa para a sua realização, pode-se vincular esse tipo de pesquisa à abordagem interpretativa, na medida em que o investigador procura entender e compreender os significados que os indivíduos atribuem às suas ações e às dos outros. Alencar (2000) esclarece que as pesquisas que se fundamentam nessa abordagem trabalham com cenários sociais bastante específicos, ou seja, os casos.

A respeito dos objetivos deste método, pode-se salientar dois apresentados por Becker (1999), que são o de tentar chegar a uma compreensão abrangente do caso estudado, ao mesmo tempo em que pretende desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estruturas sociais.

Torna-se pertinente lembrar que, de acordo com Triviños (1987), a complexidade do exame num estudo de caso qualitativo aumenta à medida que se aprofunda o assunto, isto se deve ao fato de que nem as hipóteses nem os esquemas de inquirição estão aprioristicamente estabelecidos.

Decorrente da amplitude e abrangência que o estudo de caso apresenta, em conjunto com a variedade de métodos direcionados às pesquisas quantitativas e qualitativas, relata-se a seguir alguns dos principais tipos desta estratégia bem como a forma de coleta de dados.

2.1 Tipos de Estudo de Caso e Formas de Coletas de Dados

Existem vários tipos distintos de estudos quantitativos e qualitativos, o que implica na utilização de métodos específicos para validar a possibilidade de sua realização, bem como os procedimentos a serem adotados. Na realização de uma pesquisa, principalmente na de caráter qualitativo, não se pode relacionar especificamente uma metodologia a uma forma de coleta de dados, mas, sim, evidenciar quais destas são mais apropriadas.

Bogdan e Bikklen (1994) fazem a analogia do estudo de caso com um funil. No início, representado pela extremidade mais larga deste objeto, o investigador procura locais ou pessoas que possam ser objetos de estudo ou fontes de dados. Com o tempo tomam-se decisões no que diz respeito aos aspectos específicos do contexto, indivíduos ou fontes que se vai estudar. A área de trabalho é delimitada e a recolha de dados e as atividades de pesquisa são canalizadas para terrenos, sujeitos, materiais, assuntos e temas.

Dessa forma, a definição e a identificação do tipo de estudo de caso desenvolvido estão diretamente relacionadas com a forma utilizada para a coleta dos dados. Assim, Alencar (2000) salienta que existem alguns métodos de pesquisa que proporcionam ao pesquisador maior aproximação do mesmo ao seu objeto de estudo, sendo eles a observação participante e não-participante, a entrevista em profundidade, a história oral e a história de vida. Godoy (1995) destaca ainda a utilização da etnografia nos estudos de caso. A seguir procede-se com uma breve descrição e caracterização.

Na observação participante, segundo Alencar (2000, p.87), “o pesquisador junta-se ao grupo estudado e tenta ser um de seus membros e, ao mesmo tempo, observador”. Para que isso ocorra de fato, o investigador deverá desenvolver ações tais quais o grupo em estudo desenvolve. Por sua vez, na forma de observação não-participante “o pesquisador está

presente no local onde o grupo observado desenvolve as suas ações”, porém, ele não se comporta como se fosse um membro do grupo, assim não desenvolve as ações que os observados desenvolvem.

No que se refere à entrevista em profundidade o pesquisador coleta informações de forma detalhada a respeito dos temas em análise, visando a buscar evidências que possibilitem a resolução de suas indagações. No desenvolvimento de uma entrevista o investigador comumente utiliza questionários ou roteiros para sua realização.

Por sua vez, a história oral fundamenta-se na idéia de que o indivíduo pesquisado relate um fato ou acontecimento do qual o mesmo tenha participado, ou que tenha conhecimento por meio de antecedentes históricos. Isto permite, na maioria das vezes, coletar informações que não estão disponíveis em documentos impressos.

Segundo Fetterman citado por Godoy (1995, p.28), a etnografia pode ser entendida “como a arte e a ciência de descrever uma cultura ou grupo”. A pesquisa etnográfica procura descrever eventos oriundos da vida grupal, principalmente aqueles relativos à estrutura social e o comportamento dos indivíduos, bem como a interpretação dos significados daqueles eventos. Sua vantagem consiste na possibilidade de aprofundamento que oferece, apesar de que sua utilização em estudos organizacionais ainda é vista com restrição frente ao tempo de execução que demanda.

A história de vida, segundo Macneill citado por Alencar (2000), caracteriza-se como uma autobiografia de uma pessoa, obtida por entrevistas guiadas por roteiros, sendo um método centralizado na interpretação e na explicação que a própria pessoa tem sobre o seu comportamento e sobre a experiência que viveu.

Quanto aos estudos de casos referentes às histórias organizacionais, Bogdan e Bikken (1994) definem que este tipo de pesquisa incide sobre uma organização, instituição, entidade como um todo, num sentido amplo, visando a analisar os aspectos relativos a vida destas ao longo de um determinado período de tempo. Segundo os autores, neste processo, o pesquisador deve partir do conhecimento prévio a respeito da unidade de análise que pretende estudar, informando-se inicialmente se existem materiais suficientes para serem analisados, o que torna a realização e os resultados da pesquisa aceitáveis, além de tornarem-se um ponto de partida ao pesquisador.

2.2 Aplicabilidade e Limitações da Estratégia

Existem algumas *controvérsias* no que se refere à utilização do estudo de caso como uma forma legítima de investigação. Entendendo-se o estudo de caso como uma estratégia de pesquisa, pode-se apresentar suas principais aplicabilidades e restrições inerentes a sua utilização.

2.2.1 Aplicabilidade da Estratégia

Freqüentemente, atribui-se ao estudo de caso uma aplicação restrita a estudos exploratórios. Contudo, importantes estudos de caso descritivos também foram realizados em pesquisas sociais (YIN, 2001).

O estudo de caso apresenta questões do tipo ‘como’ ou ‘por que’ e é preferido por pesquisadores quando se tem “pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (op. cit., p. 19),

independentemente se o caráter da pesquisa é exploratório, descritivo ou explanatório. Segundo Yin (2001), o estudo de caso também permite a observação direta e entrevista sistemática. Este seria, então, adequado ao estudo de eventos contemporâneos, permitindo a relação com uma variedade mais ampla de evidências.

Bonoma citado por Farina (1997) afirma que o estudo de caso é potencialmente utilizável também em função da natureza do fenômeno a ser estudado. Em alguns momentos, não é permitido ao pesquisador analisar um dado fenômeno separadamente do seu contexto. Nesse sentido, o estudo de caso surge como um “método de pesquisa hábil e sensível em analisar um fenômeno dentro do seu contexto mais amplo, em situações onde esta inserção traga reais benefícios à pesquisa” (FARINA, 1997, p.14).

Em adição, existem certos fenômenos que apresentam uma elevada complexidade configurada na dificuldade de mensuração. Assim, o estudo de caso emerge como um método potencial de pesquisa quando se pretende entender um fenômeno social complexo, considerando o nível de detalhamento permitido das relações entre diferentes atores.

Nesse sentido, o estudo de caso é preferido frente à possibilidade de aprofundamento da pesquisa (FARINA, 1997; LAVILLE e DIONNE, 1999; BECKER, 1999; YIN, 2001), permitindo a análise dos pormenores de um dado objeto. Ao longo da pesquisa, é permitido ao pesquisador mostrar-se mais criativo, mais imaginativo; pode adaptar seus instrumentos, modificar sua abordagem frente ao surgimento de elementos imprevistos, tão comuns ao sistema social. Os estudos de caso também ajudam na elaboração de problemáticas teóricas e empíricas e, muitas vezes, suscitam novos temas para investigação na forma de pesquisa, dissertações e teses.

2.2.2 Críticas e Limitações da Estratégia

Apesar da vasta utilização dos estudos de caso em ciências sociais, ainda são freqüentes as críticas a essa abordagem, principalmente no que concerne ao seu rigor metodológico e às limitações de generalização de seus resultados a outros fenômenos (ALENCAR, 2000).

Miles citado por Farina (1997) argumenta que a pesquisa baseada em estudo de caso é altamente sujeita a análises intuitivas, primitivas e incontroláveis. Para ele, a pesquisa qualitativa em organizações não consegue transcender a simples apresentação de histórias. O que está subjacente ao argumento é a idéia de que o estudo de caso é um método relativamente fácil de ser executado, sem maiores preocupações metodológicas. Yin (2001) assevera que essas condições críticas devem-se muito à negligência do pesquisador de estudo de caso, permitindo que se aceitassem evidências equivocadas ou visões tendenciosas para influenciar o significado das descobertas e das conclusões.

As limitações de utilização do estudo de caso também se referem ao grau de preparo do pesquisador. Como os procedimentos do estudo de caso não são rotinizados, as habilidades do pesquisador devem ser maiores que aquelas exigidas por outras estratégias. Isto porque se faz necessário controlar vieses potenciais surgidos em grande intensidade nesta estratégia de pesquisa. Ainda não existem formas adequadas para constatar a capacidade de um pesquisador em realizar estudos de caso (YIN, 2001).

Outros autores, como Tull e Hawkins citados por Farina (1997), argumentam que o estudo de caso possui outras limitações frente à natureza subjetiva do processo de mensuração dos resultados. Becker (1999) indaga sobre a possibilidade de se obter o mesmo resultado de um estudo de caso utilizando-se observadores diferentes. Ele mesmo responde asseverando que a possibilidade é positiva apenas se os dois observadores fizessem uso da mesma estruturação teórica e estivessem interessados nos mesmos problemas gerais.

O autor, no entanto, denota a existência do que ele chama de “o problema do bias”. Para ele, “o observador tem o problema de tentar evitar ver apenas nas coisas que estão de acordo com suas hipóteses implícitas ou explícitas” (op. cit., p.120). Com efeito, a subjetividade do pesquisador e as ideologias inerentes ao seu quadro de referência (ou mesmo dos seus esquemas interpretativos) ainda encontram importante lugar nas críticas sobre o método. Contudo, Laville e Dionne (1999) demonstram que a subjetividade do pesquisador é tanto presente nas ciências sociais quanto nas ciências naturais.

Para muitos autores, o estudo de caso não permite que se façam generalizações para outros casos, na medida em que a pesquisa se limita a um, ou a uns poucos objetos, não constituindo, assim, uma amostra verdadeiramente representativa. Contudo, Yin (2001) argumenta que, como nos experimentos das ciências naturais, pode-se utilizar a técnica de estudos de casos múltiplos. Mas não se trata de generalizações estatísticas, onde se buscam, nos casos analisados, amostras estatisticamente representativas, mas de generalizações em nível analítico, tornando-se úteis os estudos de caso principalmente quando o objetivo é auxiliar a elaboração ou o aprimoramento de teorias.

Segundo Alencar (2000), geralmente as críticas a respeito das metodologias de pesquisa em ciências sociais assentam-se nas premissas positivistas, quando em sua supervalorização da confiabilidade (propriedade de um instrumento de pesquisa quando empregado em condições semelhantes de produzir resultados semelhantes) em detrimento da validade (a propriedade de um instrumento de pesquisa de detectar corretamente o que ele procura ‘medir’) do método. Segundo o autor, a grande ênfase colocada na confiabilidade, trouxe uma maior atenção à perspectiva externa do comportamento humano (fato social) “com as chamadas variáveis operacionais e indicadores expressos em escalas com as quais espera-se obter uma visão objetiva e neutra dos fenômenos sociais” (op. cit., p. 71). Considerando o caráter qualitativo dos estudos de caso, pode-se averiguar neles uma visão interpretativa dos fenômenos sociais. Assim, Alencar (2000, p.72), argumenta que:

Embora a abordagem interpretativa reconheça a importância da perspectiva externa para produzir conhecimento sobre a vida social, sua orientação fundamental assenta-se na perspectiva interna, a qual enfatiza a habilidade do ser humano de compreender e entender os outros através da reconstrução das definições que estes fazem das situações em que desenvolvem suas ações. [...] Assim, a perspectiva interna permite aos cientistas sociais perceber e interpretar o comportamento humano com mais profundidade do que a perspectiva externa, fator fundamental para a validade de suas análises.

Apesar das *controvérsias*, as críticas positivistas perdem força na medida em que surge estudo de caso, eminentemente qualitativo, que incorpora levantamento de dados estatísticos utilizando *survey* e análises em profundidade, principalmente nos estudos organizacionais. É o caso de Courpasson (2000) que realizou sua pesquisa utilizando *survey* em estudos de casos em empresas francesas e análises em profundidade para compreender a legitimação do poder nas *soft bureaucracies*. Assim, pode-se concluir que as perspectivas quantitativa e qualitativa são substanciais para a realização de estudos de caso orientados para a compreensão do fenômeno organizacional, melhor tratados no próximo tópico.

2.3 A Utilização do Estudo de Caso nas Áreas da Administração

Apesar do avanço que a pesquisa qualitativa obteve a partir dos anos 70, a utilização do estudo de caso como estratégia de pesquisa desperta maior interesse somente por volta de 1980.

Observa-se que dentre os estudos realizados e os artigos publicados em administração, o estudo de caso torna-se um método reconhecido e bastante utilizado, isto porque proporciona uma associação de casos práticos e teóricos, específicos e genéricos. Quanto às pesquisas desenvolvidas em administração, utiliza-se comumente o estudo de caso em estudos que envolvem as áreas de administração pública, teoria das organizações, recursos humanos, sistemas de informação, finanças e contabilidade, produção e *marketing* (ROESCH, 1996). Nesse sentido, Farina (1997, p.3) salienta que “o estudo de caso descreve uma situação-problema real, vivida dentro de uma corporação, e que exige decisões de cunho estratégico. Dessa forma, trata-se de uma problemática datada e vinculada a um conjunto de circunstâncias internas e externas à organização”.

Para a área de administração pública, bem como a análise de políticas, o estudo de caso apresenta-se como uma estratégia de pesquisa tradicionalmente aceita, isso porque esta metodologia possui entre suas características a capacidade de ajustar-se “especialmente ao estudo de eventos ou ações discretas, ou mesmo não-ações, e à implementação de políticas ou processos complexos de gestão” (ROESCH, 1996, p.204).

No que se refere aos estudos relacionados à teoria organizacional, Hartley citado por Roesch (1998) relata que esses são comumente utilizados nas disciplinas de sociologia, relações industriais e antropologia, sendo que em menor grau em psicologia organizacional. Stablein (2001) afirma que existem três tipos de dados em estudos organizacionais resultantes de três tipos distintos de estudos de caso: etnografia (utilizada na representação da realidade nativa da unidade de análise); casos geradores de teoria (direcionados para proposições teóricas generalizáveis, tendo como ponto de partida a perspectiva do pesquisador) e casos exemplares (mais comumente usado por serem casos vivenciados e fornecem experiências organizacionais simuladas).

Em recursos humanos utiliza-se o estudo de caso normalmente para desenvolver estudos de sociologia industrial e relações industriais, visando a analisar os processos de conflito e de cooperação, principalmente quando se envolvem aspectos pertinentes as subculturas organizacionais. Utiliza-se o estudo de caso também em pesquisas relacionadas ao comportamento organizacional, em especial para entender os fenômenos de inovação e mudança, os quais podem ser moldados por forças internas e externas. Já para os estudos voltados à psicologia, os estudos de caso contribuem para o entendimento dos processos formais e informais nas organizações (HARTLEY citado por ROESCH, 1996).

Quanto ao uso do estudo de caso em sistemas de informação, identifica-se uma certa discussão quanto a sua utilização nesta área, isto devido ao caráter positivista predominante na mesma. Ainda assim, destaca-se certa tendência ao uso de casos interpretativos na medida que o interesse se desloca dos assuntos técnicos para os aspectos organizacionais. Isto se deve a crescente complexidade envolvida no ambiente das organizações, as quais estão inseridas num contexto permeado de fatores culturais, sociais, políticos e econômicos. Dessa forma, o desenvolvimento dos sistemas de informação requer uma análise detalhada de cada organização em si, enfocando seus aspectos particulares, o que a distingue das demais.

As pesquisas na área de *marketing* enfocam tanto trabalhos quantitativos, com amostragem para entendimento dos mercados, quanto trabalhos qualitativos, utilizando-se, por exemplo, etnografia para esse mesmo fim. Estudos nessa área têm se tornado cada vez mais comuns no que se refere ao desenvolvimento de novos produtos, utilizando observação participante (ROESCH, 1996). Estudos de caso também são utilizados para testar, por exemplo, a eficácia de determinadas estratégias de comunicação. É muito comum agências de propaganda realizarem estudos sobre entendimento, lembrança e apreciação de filmes publicitários de grupos de indivíduos.

Ahrens e Dent citados por Roesch (1996) demonstram que nos últimos anos é possível observar um crescimento de trabalhos de campo na área de contabilidade, impelidos pela

necessidade de entendimento da “contabilidade em ação”. Essas pesquisas se apresentam tanto como descrição e documentação das práticas inovadoras das empresas de ponta quanto como investigações que buscam iluminar o modo pelo qual a contabilidade está relacionada com outros processos da organização. Os autores argumentam que as pesquisas dessa área devem ter um enfoque organizacional, desenvolvendo estudos que “revelem a riqueza e a complexidade da vida organizacional e as limitações da contabilidade em satisfazer às demandas múltiplas e, com freqüência, conflitantes que lhe são apresentadas” (op. cit., p. 207).

Por fim, a administração da produção também é um campo para trabalhos com estudos de caso. McClutcheon e Meredith citados por Roesch (1996) argumentam que o conhecimento de como funcionam os sistemas operacionais pode ser aprofundado pelo contato com as condições do “mundo real”. Novos modelos como *Just in Time* e gestão pela qualidade encontram dificuldades de implementação que não foram previstas pelos acadêmicos. Com efeito, para desenvolver teorias melhores é necessária a realização empírica de estudos de campo.

No que se refere mais especificamente à área de administração, de acordo com Farina (1997), o estudo de caso permite que gerentes e gestores alcancem vários de seus objetivos. Assim, este método de pesquisa fornece uma ampla quantidade de conhecimentos e fatos, possibilitando o aumento da capacidade de análise de problemas, também contribuindo consideravelmente nos processos de comunicação e tomada de decisão, influenciando a formação de atitudes e reforçando a idéia de que na administração não existe por absoluto uma situação certa e outra errada.

3 A UTILIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DO DAE/UFLA E ENANPAD

Tem-se argumentado neste trabalho sobre a importância do estudo de caso nos estudos organizacionais. Analisando-se as publicações do ENANPAD e do DAE/UFLA pode-se averiguar uma forte presença de estudos de casos.

A metodologia de verificação da existência dessas estratégias nas fontes pesquisadas carece ser explicitada assim como suas limitações. Utilizando o *compact disc* (CD) do ENANPAD de 1998, 1999, 2000, 2001 e 2002, e uma listagem de todas as teses defendidas no DAE/UFLA de 1977 a 2002, a verificação se deu com base na leitura dos títulos dos trabalhos, na tentativa de identificar quais dentre eles fizeram uso de estudo de caso único ou múltiplo. Esse procedimento foi adotado mediante as restrições de recursos. Neste sentido, a não disponibilidade dos resumos das dissertações em meios digitais, assim como as deficiências do sistema de dados não permitiram buscas por categorias específicas como “estudo de caso”.

Todavia, os procedimentos adotados possuem algumas limitações. Não há razões para crer que apenas pelos títulos dos trabalhos estudados se possa afirmar com precisão que se trata de um estudo de caso. Muitos artigos e dissertações podem trabalhar com estudo de caso e tal fato pode não figurar em seus títulos. Uma outra limitação diz respeito à subjetividade da análise. Aqui se aceita a existência da possibilidade de interpretações diferentes por parte dos pesquisadores. Classificar o trabalho como estudo de caso apenas pela leitura dos títulos é particularmente difícil de ser controlado pelos pesquisadores. Mas acredita-se que essas limitações não desmerecem os resultados. A tabela 1 demonstra os resultados da pesquisa, exibindo os percentuais dos artigos publicados no ENANPAD os quais utilizaram estudo de caso.

TABELA 1 - RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES ENANPAD QUE UTILIZAM ESTUDO DE CASO

ANO	Publicações	Nº de Estudos de Caso	%
1998	220	26	12
1999	270	28	10
2000	363	62	17
2001	426	139	33
2002	554	152	27
Σ	1833	407	x = 22

A tabela 2, por sua vez, demonstra os percentuais de dissertações homologadas no DAE/UFLA que utilizam estudo de caso.

TABELA 2 - RELAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO DO DAE/UFLA QUE UTILIZAM ESTUDO DE CASO

ANO	Dissertações	Nº de Estudos de Caso	%
1977	2	2	100
1978	1	0	0
1979	8	0	0
1980	10	1	10
1981	4	0	0
1982	8	1	13
1983	4	1	25
1984	2	0	0
1985	2	0	0
1986	3	1	33
1987	7	1	14
1988	6	2	33
1989	9	2	22
1990	5	3	60
1991	11	4	36
1992	14	7	50
1993	11	4	36
1994	8	4	50
1995	11	5	45
1996	11	4	36
1997	15	4	27
1998	12	7	58
1999	18	8	44
2000	15	2	13
2001	17	8	47
2002	30	11	37
Σ	244	82	x = 34

Analisando-se os resultados da presente pesquisa, verifica-se a presença considerável da utilização da estratégia de estudo de caso, nos anos considerados, tanto nas publicações do ENANPAD (22%) quanto nas dissertações de mestrado do DAE/UFLA (34%). A princípio, os pesquisadores acreditam que estes percentuais aumentariam caso fosse realizado um estudo mais aprofundado, baseado na leitura dos resumos das dissertações.

Nesse sentido, outras pesquisas constataam uma presença ainda maior de estudos de caso em dissertações. Roesch (1999, p. 238) em um levantamento realizado junto a 107

dissertações de mestrado nas áreas de Organizações e Recursos Humanos do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, observou que estudos de um único caso são o delineamento predominante (52,1%). Num estudo semelhante realizado por Silva (2002, p. 83), no Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Bahia (NPGA/UFBA), cerca de 74% das 72 teses e dissertações homologadas entre 1999 e julho 2001 utilizaram o estudo de caso como estratégia de pesquisa principal.

Silva (2002), ao indagar os discentes responsáveis pelas pesquisas a respeito dos motivos que os levaram a optar por esse tipo de estratégia, estes destacaram como fatores relevantes: a adequação do método ao problema de pesquisa; a possibilidade de efetuar uma análise de profundidade, considerando o contexto; “facilidade” e praticidade do método; influência do orientador e grande utilização do método na área de estudo. Observar-se-á a coincidência entre os fatores apontados pelos discentes e as vantagens de utilização da estratégia de estudo de caso apresentadas no tópico 2.2.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas referências teóricas utilizadas neste trabalho, sabe-se que o estudo de caso não permite generalizar os resultados obtidos a respeito de um determinado fenômeno. Desta forma, no presente estudo não pode ser diferente, pois sua pretensão não foi apresentar a estratégia de estudo de caso como a melhor alternativa metodológica para a realização de pesquisas organizacionais, mas, ressaltar sua importância como uma opção válida devido às vantagens anteriormente citadas.

Com efeito, acredita-se que o objetivo proposto foi alcançado. Apesar das limitações dos procedimentos para a obtenção dos dados na pesquisa empírica realizada, conseguiu-se evidenciar o elevado grau de utilização do estudo de caso. Contudo, cabe ressaltar que esta estratégia carece de um rigor maior para a sua implementação. Talvez este rigor perpassasse o melhor preparo do pesquisador para controlar vieses potenciais surgidos nesta estratégia de pesquisa.

Por fim, recomenda-se a realização de uma outra pesquisa, mais aprofundada, nas mesmas unidades de análise do presente estudo, no intuito de averiguar de forma mais precisa a presença do estudo de caso. Recomenda-se, ainda, que se realize um estudo exploratório visando diagnosticar os motivos que levaram os discentes do DAE/UFLA a utilizarem o estudo de caso em suas dissertações.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, E. **Introdução à metodologia de pesquisa social**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2000.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOGDAN, R.C.; BIKKLEN, S.K. **Plano de investigação**. In: Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora, 1994. Parte II- p 81-109

COURPASSON, D. **Managerial Strategies of Domination**: power in soft bureaucracies. Organization studies. Berlin, 2000.

FARINA, E. **Estudos de caso em agribusiness**. São Paulo: Pioneira, 1997.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio do curso de administração**: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1996.

SILVA, T. D. O caso do estudo de caso: a preferência metodológica na produção discente do núcleo de pós-graduação em administração da Universidade Federal da Bahia no período de 1999 a Julho de 2001. **Caderno de Pesquisas em Administração**/Programa de pós-graduação em Administração da FEA/USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 09, n. 3, p. 81-88 jul./set. 2002.

STABLEIN, R. **Dados em estudos organizacionais**. In: CLEGG, S. R., HARDY, C., NORD, W. R., Handbook de Estudos Organizacionais: Reflexões e novas direções. São Paulo: Atlas, 2001.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.